3 1761 07039583 5

Castro, Eugenio de
Silva

PQ
9261
C4S8
1911

Eugenio de Castro
Da Real Academia de Hespanha

SILVA

SEGUNDA EDIÇÃO

PORTO
Magalhães & Moniz, L.da - Editores
Largo dos Loyos, 12

1911

SILVA

OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

Crystallisações da Morte, 1884.
Canções d'Abril, 1884.
Jesus de Nazareth, 1885.
Per umbram, 1887.
Horas tristes, 1888.
Oaristos, 1890.
Horas, 1891.
Silva, 1894.
Interlunio, 1894.
Belkiss, 1894.
Tiresias, 1895.
Sagramor, 1895.
Salomé e outros poemas, 1896.
A Nereide de Harlem, 1896.
O Rei Galaor, 1897.
Saudades do Céo, 1899.
Constança, 1900.
Depois da Ceifa, 1901.
Poesias escolhidas, 1902.
O melhor retrato de João de Deus, 1906.
A sombra do Quadrante, 1906.
O Annel de Polycrates, 1907.
A Fonte do Satyro e outros poemas, 1908.
Poesias de Goethe, traduzidas do allemão, 1909.
O Filho Prodigo, 1910.

Eugenio de Castro
Da Real Academia de Hespanha

SILVA

SEGUNDA EDIÇÃO

PORTO
Magalhães & Moniz, L.da - Editores
Largo dos Loyos, 12
—
1911

Composto e impresso
na TYP. PROGRESSO de Domingos A. da Silva
R. Nova de S. Domingos, 91
Porto - 1911

ENGRINALDA-ME COM TEUS BRAÇOS!

LIBRARY
APR
26
1979
UNIVERSITY
OF TORONTO

PQ
9261
C4S8
1911

ENGRINALDA-ME COM TEUS BRAÇOS!

Teu corpo d'ambar, gothico, afilado,
Sempre velado de cheirosos linhos,
Teu corpo, aprilino prado
Por onde o meu Desejo, pastor brando,
Risonho ha-de viver, pastoreando
Meus beiços, desinquietos cordeirinhos,
Teu corpo é esbelto, ó zagala esguia,
Como as harpas que o Pae de Salomão tangia!

Teu corpo electrico, ogival,
Nubil, sequinho, perturbante,
E' uma dispensa real:
Os teus olhos são duas cabacinhas
Cheias d'um vinho estonteante,
Os teus dentes são alvas camarinhas,
Os teus dedos, suavissimos espargos,
E os teus seios pessegos verdes mas não amargos.

Lyra de nervos, gloria das trigueiras,
Como tu és graciosa! As larangeiras,
Desde que viste o sol com esses soes amados,
Só vinte vezes perfumaram noivados!
Nobre e graciosa és, morena das morenas,
Como as senhoras d'olhos bellos
Que passeavam nos jardins d'Athenas
Com uma cigarra d'oiro nos cabellos!

Como tu, eu sou moço! e atrevido
Como Anceu, rei de Samos,
E jamais caçador me fez vencido,
Quando, caçando o javali, ando entre os ramos.
O meu peito é de jaspe, a minha voz macia,
Meus olhos ageis e doirados como abelhas,
E, para que as colhas, minha bôca sadia
E' um orvalhado cabazinho de groselhas.

Novos e alegres somos! Ah! que em breve
Nossas bôcas se collem voluptuosas;
Vamos sonhar e toucar-nos de rosas,
Emquanto ha sol, emquanto não cae neve!
Não te demores,
O' cheia de graça,
Que os dias correm voadores,
E a mocidade passa...
A mocidade passa... e, um dia, ó meus peccados,
A tua bôca vermelha
Será uma rosa velha,
E minhas mãos uns lirios fanados...

E então, velhinhos combalidos,
Como dois galhos resequidos
Sem folhas e sem pomos,
Lembrar-nos-emos do que hoje somos,
O' maravilha
De graciosidade!
Como d'um filho e d'uma filha
Que nos morressem na flor da edade!

ENXUGA OS OLHOS, CORÔA-ME DE BEIJOS!

ENXUGA OS OLHOS, CORÔA-ME DE BEIJOS!

Quelle est la plus belle destinée? Avoir du génie et rester obscur...

J. Barbey d'Aurevilly.

Vendo-me obscuro, vendo-me ignorado,
Toda te magôas, toda te amofinas:
Teu rosto macerado
E' como uma estrada de lagrimas finas.

Teu luto em alegria se transforme!
Enche de luar teus olhos amenos!
— As labaredas duram menos
Que a fulva brasa que nas cinzas dorme...

Minha velhinha de vinte annos! adormece
A tua dor precoce:
—O borborinho da kermesse
Apaga a musica mais doce...

Vem aquecer-te, friorenta! ao lume
Do meu orgulho abrasador:
—Ha uma estranha, mysteriosa flor,
Que só de noite tem perfume...

Que a Esperança estrangule os Desenganos!
—Ha estrellas cuja luz, flor que vives a vel-as,
Gasta, para chegar á terra, immensos annos:
Meus versos são irmãos d'essas estrellas!

MÃOS

MÃOS

Mãos de velludo, mãos de martyr e de santa,
O vosso gesto é como um baloiçar de palma;
O vosso gesto chora, o vosso gesto geme, o vosso gesto canta!
Mãos de velludo, mãos de martyr e de santa,
Rolas á volta da negra torre da minh'alma...

Pallidas mãos que sois como dois lirios doentes,
Caridosas Irmãs do hospicio da minh'alma,
O vosso gesto é como um baloiçar de palma,
Pallidas mãos que sois como dois lirios doentes...

Mãos afiladas, mãos de insigne formosura,
Mãos de perola, mãos côr de velho marfim,
Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,
Duas vélas á flor d'uma bahia escura.

Mimo de carne, mãos magrinhas e graciosas,
Dos meus sonhos d'amor, quentes e brandos ninhos,
Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,
Mas que depois me haveis coroado de rosas!

Afilhadas do luar, mãos de rainha,
Perpetuo amanhecer,
Alegrae, como dois netinhos, o viver
Da minha alma, velha avó entrevadinha.

CANTIGA

CANTIGA

Embora, Senhora, andeis
De finas telas vestida,
Por meus olhos sois despida.

De clara hollanda vestis
Vosso corpo, linda Infanta,
Bello rocal de rubis
Vela-me a vossa garganta;
Trazeis manto de velludo,
Garbosa saia comprida,
Mas, apezar d'isso tudo,
Por meus olhos sois despida.

Atravez das ricas vestes,
Que vos vestem, linda Infanta,
Adivinho os dons celestes
Do vosso corpo de santa;
Vossas vestes de setim,
Vestes com que andais vestida,
De vidro são para mim:
Por meus olhos sois despida.

Vejo-vos só mãos e cara,
Mas não preciso ver mais
Para calcular a rara
Graça do que me occultaes...
Para quê rendas e fólhos,
Senhora da minha vida,
Se por estes tristes olhos,
Por meus olhos sois despida?

QUO NON ASCENDAM?

QUO NON ASCENDAM?

Lydia, ó toda de espinhos,
Toda de fel!
Transforma os teus desdens em tepidos carinhos,
Esse vinagre em mel!

Torna-os macios, de velludo,
Os modos com que agora me envenenas,
Torne-se em brando coxim de pennas
Teu coração, gelado escudo.

O' vaidoso rubim,
Quero-te docil, complacente, inerme!
Sê orgulhosa para os outros; para mim,
Sê rasteirinha como um vérme!

Tratas os outros com maciezas d'azeite,
E elles, em paga, dão-te joias finas,
Fios de coraes, anneis d'aventurinas
E peitoraes com jaspes côr de leite.

Porém, o que elles te não dão,
Lydia, rubim d'Orgulho e de Vaidade,
Flor de Requinte e de Aggressão,
E' Immortalidade.

E' essa asa d'oiro, viva e pura,
Com que eu
Hei-de tirar-te d'esta vida escura
E conduzir-te ao vasto, illuminado céo!

Levanta os olhos ao ancoradoiro
Das altas esperanças:
Deixa-os brincar, lindas creanças,
Com suas irmãs d'oiro...

Que formigueiro d'oiro! Que de estrellas!
Que fogo d'artificio singular
Para uma boda real! E quasi todas ellas
Tém nomes d'encantar.

Nomes de deusas enamoradas
E de rainhas d'olhos de violetas,
De rainhas e deusas celebradas
Pelos Poetas.

Aquella é Cassiopeia,
Esposa de Cepheu, o pae cruento,
Rainha alva como a lua-cheia,
Das Nereides tormento.

Brilha além sua filha, a desditosa
Andromeda, innocente e côr d'opala,
Que Perseu foi livrar, na fraga tenebrosa,
Do fero monstro que ia devoral-a.

Aquella é Venus...
E quantas, quantas mais
Não perpetuam, nos céos amenos,
Amores immortaes!

Lydia! dos teus desdens o aspero basalto,
Transforma-o, Lydia, em branda cera,
Que, em recompensa, cantarei, bem alto,
Do teu corpo a divina primavera!

Meu estro vencerá o Tempo e o Espaço!
E os homens do futuro, Lydia bella,
Arrancando o teu nome aos versos que te faço
Baptizarão com elle alguma nova estrella!

CANÇÃO

A A. de Oliveira Soares

CANÇÃO

Eu canto amores,
Ao sol e ao luar,
Eu canto amores
Mas não posso amar.

Canto amores ao som da frauta e do pandeiro,
Mas já não posso amar...
O meu amor era marinheiro
E morreu no mar.

Tranças côr d'amora, tranças côr do linho,
Estou cheio de dores,
Estou entrevadinho,
Já não posso amar...
Mas canto amores
Ao sol e ao luar...

Tranças côr d'amora, tranças côr do linho,
Quando me ouvis cantar sob as ramagens,
Sou qual piloto entrevadinho
Descrevendo as suas viagens.

Eu canto amores,
Ao sol e ao luar,
Eu canto amores
Mas não posso amar.

Todas as flores são murchas,
E mortas todas as estrellas...
Sou como um doido, lindas Donzellas!
Que se enfeitasse com rosas murchas...

ECLOGA

A' Senhora Condessa de Sabugosa e de Murça

ECLOGA

Ignez, a loira como os girasoes,
Lirio puro, inviolado,
Vae, á sombra, fiando os candidos lençoes
Do seu noivado.
Sua estriga, doirada como o dia,
Tão perto está de seus cabellos bellos,
Que a gente fica sem saber o que ella fia,
Se o loiro linho, se os seus cabellos.

Vendo-me, Ignez, a côr de neve,
Sua delgada roca e seu fuso abandona,
E corre ao meu encontro, alegre e leve,
Toda em sorrisos de belladona.

— Marcos, foi Deus
Que aqui te trouxe;
Deserta estou p'los beijos teus,
P'los doces beijos d'essa bôca doce...
D'estes limoeiros sob os verdes arcos,
Andava a scismar, fiando
Os lençoes onde sonharemos, quando
Formos casadinhos... Mas que trazes, Marcos?
Vens muito cançado? Chega aqui, descança...
Queres merendar? vem ao teu amor:
Aqui tens o mel d'esta comprida trança
E o queijinho fresco d'este seio em flor...
Senta-te comigo n'esta verde gruta,
Dize-me o que queres, o que mais desejas...
Não queres mel nem queijo? gostas mais de fructa?
Aqui tens meus labios, aqui tens cerejas.

Que lindas cerejas, que brincos divinos
Para uma Princeza, inda a mais cimeira!
Que os teus labios, doidos, travessos meninos,
Venham colhel-as na cerejeira...

Mas não me beijas? Que te fiz eu? Estás mal comigo?
Não me respondes? Fazes-me louca...
Já não és meu amigo,
Já aborreces a minha bôca...

— Ignez, mimo de graça e de frescura,
Põe um açaimo nos teus desejos...
Não te cases, sê sempre ingenua e pura...
Semeia magoas quem colhe beijos...

Da loira Ignez o labial rubim
Tornou-se opala de lunar palor,
Opala triste que se abriu assim:
— *Já me não tens amor! O que é o amor!*

Tomei-lhe as mãos magrinhas, desmaiadas
Como lirios convalescentes,
Tristes como Rainhas doentes
Pedindo esmola pelas estradas...

— *Sabes o que é o amor?* então lhe perguntei...
Chorava o vento sobre nós...
E com uma voz, que era uma sombra de voz,
Ignez me disse: — *Marcos, não sei...*

— *Vou ensinar-te o que é o amor. Vamos!*
Partimos,
Fomos andando pela tarde branda e terna,
Té que chegámos a uma cisterna
Amortalhada de verdes limos.
Anoitecia... O sol poente
Punha um incendio no mar alto,
E do alto mar, em sobresalto,
Nervosamente, febrilmente,
As ondas com seus mantos de cambraia
Vinham pedir soccorro á praia.

— *Ignez, ingenua que te perdes*
Pela Illusão! não vês uma estrellinha pura
A arder no escuro da cisterna escura,
Como uma esp'rança n'uns olhos verdes?

— Bem a vejo, Marcos, bem a vejo a arder,
Chammejando, ruiva, entre agoas de gelo;
Quem m'a déra ter
Para o meu cabello!...

— Pois bem! E' tua a estrella prateada,
Vae apanhal-a, se a appeteces tanto...

— Zombas comigo, meu encanto,
Se eu a fosse apanhar, morreria afogada...

— Disseste bem, Ignez, ingenua cabecinha,
Cuja innocencia me consterna...
Que tu saibas, porém, que o amor é uma estrellinha
A arder n'uma cisterna;
Não a queiras colher, sejam puros teus dias,
Sejam sempre puras tuas lindas faces,
Não a queiras colher, que, onde julgasses
A fortuna encontrar, a morte encontrarias.
Levanta os olhos ás Constellações,
Lava no luar as mãos,
Enfeita com jasmins as tuas ambições...

E beijámo-nos como dois irmãos...

BAILE DE MASCARAS

BAILE DE MASCARAS

Meu semblante é alegre
Como uma ceia de rapaz;
Meus olhos saltam de contentes
Quando vêem olhos amigos;
E, até para os indifferentes,
A minha bôca é cheia de risos...
Mas a minha alma é triste
Como a filha d'um condemnado á morte.

Sou como uma creada alegre e sadia,
Levando a passear, n'um carrinho de mão,
Uma creança paralytica...

SEMPER EADEM

Ao Dr. Antonio Candido

SEMPER EADEM

N'uma floresta, ao entardecer. Andam no ar, polvilhado d'oiro, agonias de musicas silvestres. Sentado n'um plátano cahido, um Pastor, desgrenhado como um doido, e lindo como um anjo, junta as suas queixas ás de uma fonte que chóra perto.

Cançadas de fazer, vãmente, appellos vãos,
Adormeceram no meu jardim as tocadoras de harpa
(A aranha fez um tear de cada harpa...),
E ás harpas de marfim cahiram-lhes das mãos...

Os lagos do jardim tornaram-se em paues,
Os repuxos leaes callaram-se nos lagos,
Cantando, os cysnes afogaram-se nos lagos,
Sardas de outomno, as folhas sêccas navegaram nos paues...

Partiram, ao som das violas, as Commungantes virgens,
E voltaram, depois, vestidas de viuvas...
Esverdeado, um halo, annunciador de chuvas,
Nimbou a Lua, mãe das Commungantes virgens...

Desdoirou-se a thiara astral dA que não veiu,
O temporal despedaçou a crystallina estufa,
Um lirio de velludo preto, entre as ruinas da estufa,
Nasceu com sete espadas a martyrisar-lhe o seio...

E a Donzella, que aguardava a vinda flava das estrellas,
Cegou... A noite desceu das escarpas...
Cessaram no ar silente as angustias das harpas...
E nunca mais houve estrellas...

Subito, os olhos do Pastor correm atraz
d'uma Donzella que passa, toda de branco,
sobre as folhas sêccas do caminho.

Se fosse ha mezes, tel-a-ia amado!
Teria posto o meu cuidado
Em suas mãos magrinhas e graciosas,
E teria esfolhado,
Sob os seus passos, alfazema e rosas...

Retrato vivo dA que foi A mais amada
(A mais amada foi A mais perversa!),
Vendo-a passar, supponho
Voltar á era, sempre recordada,
Em que a minh'alma andava immersa
Na teia d'oiro d'um estrellado sonho...

Vêde-a, meus olhos, vêde-a e dizei
Se aquelle ar de flor de outubro,
Se aquelles olhos todos liquidos (que nem sei
Como inda não apagaram o incendio d'aquella bôca!),
Se aquelles olhos, céos da meia-noite, se aquella bôca,
Rosa d'outubro,
Se a curva musical d'aquelles seios,
Se aquellas mãos de defunta, floridas de veios
Ceruleos, se aquelles bellos
Cabellos
(Noite em fio), se toda ella
Não vos recorda Aquella
Trigueira
Que unctou meu coração com mel,
E que o expoz, depois, ás vespas, a Infiel
Que desfolhou jasmins sobre a fogueira...

Socega, alma! *esta* não é a verdadeira...

(E, entretanto, quem sabe se amei a Outra
Amando esta,
Postoque, amando esta,
Supponha amar a Outra?)

Socega, alma! e não lembres com suspiros vãos
A fereza da pessoa surprehendente,
Cujas divinas mãos
Te crucificaram barbaramente;
Não memores as memoraveis contendas
D'aquelle tempo de ingenuidade lirial,
Não memores a ironia d'aquelle peito sem egual,
— Viboras sob rendas...

(Mas, entre as cinzas, ha ainda brasas...)

Se fosse ha mezes amaria esta,
Mas hoje a cisterna é sêcca, a phalena queimou as azas...
Ha um palacio abandonado na floresta...

Teria amado esta...
Amando esta, julgaria amar a outra,
Tudo o que eu lhe dissésse teria sido dito,
Beijando esta, julgaria beijar a outra,
Tudo o que eu lhe escrevesse teria sido escripto.

E este amor seria semelhante ao de dois
Amados, que a corveta
Da Morte houvesse levado, e que depois
Fossem continuar a amar-se n'outro planeta.

E se esta fosse docil, simples, mimosa,
Pediria a Deus que a fizesse dura e vaidosa,
Para que a analogia fosse completa...

Spectro da minha Martyrisadora,
Passa! não escureças mais meu viver triste...
Joia! Perfume! Amuleto! Aurora!
Não buscarei nos teus olhos o que lá não existe...
Que o meu olhar ao teu não se consagre...
Deixa dormir minh'alma somnolenta...

Toda de branco, a Donzella desapparece, ao longe, na sombra dos castanheiros. Subitamente, sobre os castanheiros, apparece a Lua, toda de branco, como a Donzella. Lindo como um anjo, o Pastor olha maravilhadamente a Lua...

Que estaes vendo meus olhos? Que milagre
E' este que ante vós se representa?
Dir-se-hia que a Donzella, desmaiada,
Que a pura Virgem de rosto lindo,
De vós fugindo,
Subiu ao céo em Lua transformada...

Lua! Tanit! Astartea! Consolação
Dos sombrios! Globo e Fouce!
Semeadora de Illusões! Que esta Illusão
Seja p'ra mim uma verdade doce!
E vós, cançados olhos meus,
Tão fatigados da mundana guerra,
Já que a não tendes adorado na terra,
Adorae-a nos céos!

AS FIANDEIRAS

A Oliveira Martins

AS FIANDEIRAS

Uma donzella e uma velhinha estão fiando: a donzella vestida de branco, a velhinha vestida de negro.

O fuso d'uma é de crystal; o da outra é de madeira de cypreste.

A donzella fia e canta; a velhinha fia e chora.

E' meia noite. Os poços tomam a communhão do luar.

A donzella fia os lençoes para o meu noivado, a velhinha fia a minha mortalha. A donzella fia de vagar: o fuso da velhinha corre ligeiro.

— *Donzella que estás fiando os lençoes para o meu noivado, fia, fia mais depressa, que estou deserto por dormir com os meus amores.*

O fuso d'uma é de crystal; o da outra é de madeira de cypreste.

— *Velhinha que estás fiando a minha mortalha, fia, fia*

mais devagarinho, não tenhas tanta pressa. Bem vês que sou muito novo e apegado á vida. A minha noiva é graciosa como as palmeiras e a minha alma branca como as hostias. Deita-te a dormir, amanhã continuarás...

Amanheceu.

O rio que passa na paisagem, passa vagaroso, exanime, cançado de ter andado toda a noite.

A velhinha infatigavel acabou a sua obra: está fiada a minha mortalha.

Quanto á donzella, adormeceu: ficou em meio a sua tarefa.

E o seu fuso de crystal está partido no chão, em migalhas: migalhas que parecem lagrimas ou diamantes cahidos d'um diadema...

SUPERBIA

A Columbano

SUPERBIA

Exilado, Senhor! n'este Val' de Amargura,
N'este aspero desterro,
Triste, vejo passar, na noite fria e escura,
Das minhas Illusões o dramatico enterro.

Tornaram-se em poeira os meus altos Castellos
E as minhas Torres de Maravilhas...
Chóro sangue, Senhor! e arranco os meus cabellos,
Como um rei assistindo á agonia das filhas.

Deus de Paz e de Amor! tomae a minha alma
Em vossas puras mãos,
Dae-lhe a gloriosa, a verde, a appetecida palma
E a dalmatica astral dos martires christãos!

Faz-se cinzento o meu abril flavo e vermelho,
E os meus Desejos fogem do mundo venenoso,
Como virgens fugindo ás luxurias d'um velho,
Como jasmins fugindo aos dedos d'um leproso.

O meu Enthusiasmo é um tysico a morrer,
Sem noiva, sem parentes,
Uma morte n'um berço, um paço real a arder...
—Ai da minha Alma, toda cheinha de doentes!

A Desgraça tornou-me inerme, simples, quedo,
Puro como os junquilhos dos vallados;
Minha Vaidade está no degredo
E os meus Amores crucificados...

Piedade e Compaixão medram, alvas e finas,
No meu sombrio ser flagellado de penas,
Como duas fieis, graciosas açucenas
No triste pateo d'um palacio em ruinas.

Sonhos, Ostentações,—tudo morto... desfeito...
Dos meus antigos bens, só me ficou, Senhor,
O meu Orgulho, um grande Orgulho que, em meu peito,
E' um diadema na cabeça d'um pastor!

Não m'o tires, Senhor, é tudo o que me resta!
Dá-m'o em paga de tanto odio e vilipendio...
Deixa-o illuminar a minha dor funesta,
Grande rubim a arder entre as cinzas d'um incendio!

Aos teus olhos, meu Deus, o Orgulho é um peccado
Uma herva damninha,
Um philtro estonteador, um philtro envenenado...
Mas a culpa, Senhor! a culpa não é minha!

Tirar-m'o, era tirar á escura noite a Lua!
Vê as chagas crueis que o meu peito consomem...
Não m'o tires, Senhor! a culpa é toda tua:
Eu devera ser anjo e tu fizeste-me homem!

NOCTURNO

A Jean-François Raffaëlli

NOCTURNO

Je suis cellui au cueur vestu de noir.

CH. D'ORLÉANS.

NA viuvez da alameda
Andam bailes de folhas sêccas...
Paisagem vaga como o avesso d'uma seda...
O crepusculo põe velludos nas charnecas...

Como Princezas desfloradas,
N'uma floresta, p'los ladrões,
As altas arvores magoadas,
Que o vento abraça aos repellões,
Choram n'um còro de afflicções,
Hirtas, medrosas, despenteadas...

Tudo cinzento, tudo cinzento...
As fontes chamam umas pelas outras...
Como lanças hostis, ao vento,
Tremem as cannas do cannavial...
E as fontes chamam umas pelas outras,
Como cegas perdidas n'um pinhal...

Como esbeltas Imperatrizes
Barbaramente desthronadas,
As grandes arvores maguadas
Choram hirtas, despenteadas...
Estalam no chão suas raizes,
Cortam-lhe a alma sete espadas...
— Pobres Rainhas que o vento humilha,
Rainhas de golpeado peito,
De qual de vós ha-de ser feito
O berço estreito da minha filha?

Ergue-se a Lua de cabellos brancos...
Ao luar, as montanhas são grisalhas...
Ao luar, os mortos põem a seccar suas mortalhas...
E a Lua pentêa seus cabellos brancos...

Pelas desertas avenidas,
Longas, tristissimas, profundas,
As altas arvores doridas
São como santas moribundas...
— Arvores negras, cuja voz
Me enche de espinhos o coração,
De qual de vós, de qual de vós
Ha-de ser feito o meu caixão?

Callou-se o vento... Um céo d'oiros macios...
Como uma doce, affavel enfermeira,
A Lua põe-se á cabeceira
Das aguas doentes nos paues sombrios...

Morto, cançado dos seus giros,
O vendaval foi-se deitar,
E os arvoredos, ao luar,
Não choram já, só dão suspiros...
— O' sequiosas da manhã,
O' sequiosas de luz nova,
Onde estará a vossa irmã
Que ha-de dar sombra á minha cova?

ASYLO

A Stéphane Mallarmé

ASYLO

Casarão rico d'apparencia pobre:
ASYLO DA MENDICIDADE.

Um panno preto, esfarrapado cobre
A pedra d'armas, semelhante a um pobre...
Sobre a porta, negra cisterna d'humidade,
Em lettras pardas, realçadas de cobre:
ASYLO DA MENDICIDADE.

Asylo das velhinhas sem netos,
Asylo das que foram lindas e hoje são aleijadas,
Asylo dos velhinhos desprezados p'los netos,
E dos que não teem filhas, só enteadas...

Asylo d'almas que são urnas de cinza,
Asylo d'almas sombrias como as adegas,
Asylo das que tiveram lindos olhos e estão cegas,
E lindas tranças d'oiro, agora côr de cinza.
Alguns foram jardineiros: o asylo não tem jardim...
Outras viveram no campo: o asylo é pobre, não tem horta...
Alguns foram almocreves: do asylo é fechada a porta...
O sol parece a agonia d'um rubim,
O sol doente, o sol ardente, o sol d'outomno!

A's janellas do Asylo agglomeram-se as cabeças
Dos asylados — pobres almas em abandono!
Alvas cabeças, frias cabeças,
Bustos d'esmalte, perfis de joia,
Cabeças tragicas de Goya.

Murcham, ao longe, os oiros claros das gavellas...
No mar occidental ha um naufragio d'espinellas...

As velhinhas teem todas lenços brancos,
Que as tornam novas, n'um espiritual disfarce:
Parecem d'uma creche, essas janellas,
E a agitação dos lenços brancos
Lembra uma roseira branca a desfolhar-se.

Surge uma lua de cera...
Teias d'aranha nas janellas; ar de frio, de desalento...
Ah! os velhos sem movimento,
Como figuras de cera!

Passa na rua, em baixo, um bando de saltimbancos,
E, a admiral-os, detraz dos vidros embaciados,
Agitam-se os lenços brancos
Mais as figuras de cera...
Pallidas mãos limpam os vidros embaciados
Pela respiração...

Mas ai dos velhos e das velhas! De saltimbancos
Não houve, sob as janellas, a divertida funcção...
Aquietam-se os lenços brancos
Mais as figuras de cera...

Ardem, em face, d'um theatro as varandas luminosas:
O gaz flammeja entre festões,
Palpitam hombros nus, frontes cobertas de rosas...
Depois, morre uma voz por entre acclamações...
Os asylados olham as varandas luminosas...

A noite desce avelludadamente calma.

Sinto velhinhas á janella da minh'alma...

JUDITH, DULCE, LAVINIA E OUTRAS

A Antonio Freijó

JUDITH, DULCE, LAVINIA E OUTRAS

Judith, a que possue
Trança mol' e doirada como o azeite;
Dulce, a doce; Lavinia, a hostil e côr de leite,
De quem um escravo fui;
Violante, desespero do marfim
E gloria das trigueiras,
Linda e maldosa como um jardim
Rodeado de silveiras;
Maria, a pura como um lirio d'altar;
Lia, a de tranças de sylvestre amora,
E Guiomar, a embriagante Guiomar,
Viciosa como a imperatriz Theodora,
Todas ellas, todas! eu quizera amar,
Todas ellas, todas! eu quizera ter!
Amal-as de fugida,
Amal-as de partida,
Prendendo-as sem me prender...

Quizera amal-as
Como o rio ama as flor's da margem debruçadas:
Vel-as, beijal-as, abraçal-as,
Embalsamar-me em suas bôcas perfumadas
D'um perfume sem par,
Prendendo-as sem me prender,
E abalando como o rio para o mar,
P'rà nunca mais as ver...

RIMANCE

A Ramalho Ortigão

RIMANCE

Para adormecer Lydia

Meia noite, meia noite
Da velha torre cahia,
Em seu camarim real
A bella Ausenda cosia.
Tela que estava cosendo
De fina prata par'cia,
Junto d'ella, sua mãe
Em cama d'oiro dormia...

Longo mantinho de lustro
Seu esbelto corpo envolvia,
Annel que tinha no dedo
Frechas de côr despedia.
Passos na escada se ouviram,
Passos d'alguem que subia,

Ouvindo tal, a Princeza
A abrir a porta corria.
Ouvindo o gemer da porta,
A mãe os olhos abria,
Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— *Quem é que anda abrindo portas,*
Filha, aqui ao pé de mim?
— *Senhora mãe, é o vento*
Que abre as portas do jardim.

Segura com tal resposta,
Logo a mãe adormecia;
Vendo-a a dormir, Dona Ausenda
A' porta se dirigia.
A um gesto da bella Ausenda
Um cavalleiro appar'cia,
De cochonilha mimosa
Era o gibão que vestia.
Em bello cinto bordado
Punhal de prata trazia;
Nos braços do cavalleiro
Dona Ausenda se mettia.
Ao barulho dos abraços,
A mãe os olhos abria,
Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— *Quem é que está aos abraços,*
Filha, aqui ao pé de mim?
— *Senhora mãe, são as arvores*
Que se abraçam no jardim.

Segura com tal resposta,
Logo a mãe adormecia;
Vendo-a a dormir, Dona Ausenda
Ao seu amado sorria,
Sorria e nos braços d'elle,
Nos seus braços se mettia;
Forte corrente de beijos
Aquellas bôcas prendia.
Ao barulho d'esses beijos,
A mãe os olhos abria,
Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
—Quem é que está dando beijos,
Filha, aqui ao pé de mim?
—Não são beijos, são as fontes,
São as fontes do jardim.

Segura com tal resposta,
Logo a mãe adormecia...
Vendo-a a dormir, Dona Ausenda
Ao seu amado sorria,
Sorria e nos braços d'elle,
Nos seus braços se mettia;
Era de seda lavrada
O corpete que a cingia.
Contra o peito, o cavalleiro
Contra o peito a comprimia,
Com tanta fôrça que a seda
Do seu corpete rangia.
Com esse ranger de seda,
A mãe os olhos abria,

Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— Quem está machucando sedas,
Filha, aqui ao pé de mim?
— E' o vento que arrasta folhas,
Folhas sêccas no jardim.

Segura com tal resposta,
Logo a mãe adormecia;
Vendo-a a dormir, Dona Ausenda
Ao seu amado sorria,
Sorria e nos braços d'elle,
Nos seus braços se mettia,
E aos beiços do seu amado
Seus lindos seios abria.
O cavalleiro os beijava
De tal arte que par'cia
Que os não estava beijando,
Antes que n'elles mordia.
Com esse morder de seios,
A mãe os olhos abria
Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— Quem anda mordendo seios,
Filha, aqui ao pé de mim?
— E' o jardineiro que morde
Fructas verdes no jardim.

CIRCE

CIRCE

Minh'alma, onde se miravam rosas;
E' hoje, Lydia do meu coração,
Um altar de primeira communhão
Enfeitado com plantas venenosas.

Meus Desejos, noviças côr de Lua,
Passeando andavam entre esbeltos Lirios,
Quando appar'ceste serpentina e nua,
Derramadora de lethaes delirios.

Viram-te os puros como a aurora,
E, deslumbrados pelo sol do teu cabello,
Foram atraz de ti, cysnes de prata e gelo,
Atraz da guardadora.

Tu lhes disseste coisas de endoidar
Ascetas e abbadessas...
Como em taças d'oiro, nas suas cabeças,
Symbolicos jasmins fanaram-se a chorar.

Nos braços das Luxurias condemnadas
Foram deitar-se os meus amores,
Como roseas Princezas invioladas
Offerecendo-se aos salteadores.

Minha Innocencia chora sangue sob os teus beijos,
Como fria cabeça espetada n'um poste...
Lydia! qual Circe foste:
—Em porcos transformaste os meus puros Desejos!

DE TOLEDO PARA O MAR...

Ao Conde de Sabugosa

DE TOLEDO PARA O MAR...

Rio d'aço e vidro.
Sentadas nas collinas marginaes,
As casas olham o espectaculo das aguas.

Brancas meninas, brincando
Com um velhinho de cabellos alvos e olhos verdes,
A' flor da agua, gaivotas voam:
— *Tejo! avôsinho das gaivotas!*

Doirado como um ciborio,
O Sol banha-se na corrente:
— *Tejo! sala de thermas do Sol!*

N'um navio, partem emigrantes:
— *Tejo! caminho da Ambição!*

Os emigrantes partiram,
As Mães soluçam pelo caes:
— *Tejo! desespero das Mães!*

Voltam emigrantes do Brazil...
Foram puros, trazem as almas oxydadas...
Teem vergonha de abraçar as Mães humildes:
— *Tejo! desespero das Mães!*

N'um sombrio vaso de guerra,
Os degredados vão para o degredo:
— *Tejo! claro sonho das enxovias!*

Partem os degredados,
E as suas noivas choram sangue,
A' beira do rio:
— *Tejo! angustia das Noivas feridas!*

Os pharoes
Vermelhos, verdes e doirados,
Os pharoes das embarcações
Distillam pedrarias:
— *Tejo! montra de joalheiro!*

Duzentos remos tem a galeota real,
A galeota d'oiro
Onde vão as Filhas do Rei:
— *Tejo! recreio de Princezas!*

A Abbadessa do convento dos Astros, a Lua,
A Abbadessa mais as suas pupillas
Miram-se nas delgadas, prateadas aguas:
— *Tejo! espelho da Lua e das Estrellas!*

Noite verde...
Um velho deita-se a afogar:
— *Tejo! descanço dos Afflictos!*

E o rio brando,
O rio d'aço e vidro ardente,
Entra no mar, como uma noiva entrando
No thalamo nupcial, medrosamente.

OS TYSICOS

A Maurice Maeterlinck

OS TYSICOS

Em outubro. A serra é coberta de neve,
Scenographicamente branca...
Architecturas de prata e neve...
A serra é scenographicamente branca...

Brancura das donzellas amortalhadas,
Brancura de leite, brancura d'hostia,
Zaïmph astral, toalhas d'altar e veos de fadas...
Pureza d'hostia, brancura d'hostia...

Mas eis que vejo no femineo collo
Da serra, clangorando com dureza,
Sangrentos tons de telha marselheza:
— Incendio ruivo no polo!

Ah! o rubor da serra branca e honesta,
Intenso como o rubor dos tysicos...
—Felizes tardes, santo pastor, que povoação é esta?
—E' o sanatorio dos tysicos.

Som de sineta. Elles lá vem, bôcas vermelhas como cactos,
Olhos profundos, ossos e pelles...
Tão magros andam que os seus fatos
Dir-se-ia que não são d'elles.

Oh! essas calças vasias, essas mãos longas, sem pulsos,
E esses casacos, largos de mais, afflando á viração leve...
Ha tempestades de tosse, e alguns escarram, convulsos,
Papoilas na pura neve.

Como são lastimaveis as donzellas
Já no ultimo grau, magrinhas e sympathicas!
Parecem flores de estimação! Passam regatas d'estrellas
Em seus olhos, doces noites aquaticas.

Vêde aquelle tysicosinho, acariciando um cão,
E aquelle velho mirrado, todo florido de junquilhos,
E aquella pobre irmã, acompanhando o irmão,
E aquellas mães atraz dos condemnados filhos.

Não ha espelhos na serra... Olhae aquella rapariga
Tysica, ao pé d'um tysico, seu noivo...
Penteia os seus cabellos côr de estriga
Aos olhos claros do seu noivo!

E aquelle camponez e aquelle soldado conversando!
Vêde este avô levando
Ao collo o neto, que é quasi um homem!
Vêde os mancebos imberbes, olhando, cheios de desejos,
As virgens cujos olhos ardentes os consomem!
E aquelles noivos, quasi moribundos, aos beijos!

E os tysicos, espiritualmente anesthesiados,
Alegremente vão, dramaticas figuras,
Sonhando sonhos arco-irisados,
Noivados puros, beijos profanos, villegiaturas...

Architectos febris de castellos no ar,
Não vendo a Morte, pastora má, que anda a guardal-os,
Elles lá vão, lá vão, a sonhar, a sonhar,
Julgando a vida um paraiso de regalos.

Crêem-se quasi sãos, e vão pelas estradas,
Tão absortos nas suas infantis illusões,
Que não ouvem as frias martelladas
Do carpinteiro que faz os mortuarios caixões.

E lá vão, sob o sol, celibatario tysico,
A sonhar, a sonhar, como ingenuas creanças...
— Jesus! meu bom Jesus! dae-me que eu morra tysico,
Para que ainda uma vez torne a ter esperanças!

A ALEIJADINHA

A Balthazar Freire Cabral

A ALEIJADINHA

A' BEIRA d'uma estrada,
Está uma aleijadinha,
Pedindo esmola.

Na estrada passam ranchos,
Ranchos alegres para a romaria...
Chove oiro.
Ao som dos alaúdes, as Virgens cantam...

Nos pomares,
As larangeiras estão de branco, como as noivas...
E as Virgens, cantando ao som dos alaúdes,
Descem aos pomares
E põem flores de laranjeira nos cabellos...
A aleijadinha pede esmola,
A aleijadinha é triste, os ranchos são alegres:
Dir-se-ia uma dança em volta d'uma tumba.

A aleijadinha pede esmola:
A sua voz é côr de cinza,
E suas mãos implorantes, côr de barro cosido,
Parecem flores pisadas...
A aleijadinha pede esmola
Mas ninguem a ouve.

E todos fogem d'ella,
E, ao vel-a, todos ficam desgostosos,
Como noivos que, á ida para a egreja,
Encontrassem um enterro.

E' noite...
A estrada é deserta...
Afastaram-se os ranchos...
Fanou-se a angustia dos alaúdes...

Chovisca. Baça nuvem
Veste a aleijada de diamantes...
Suas mãos, côr de barro cosido,
Suas mãos onde não cantou o riso d'uma esmola,
Fecham-se como flores pisadas,
Morrendo de sede na poeira.

A aleijadinha está com fome
E não tem que comer...
A baça nuvem foi-se...
E toda vestida de diamantes,
A aleijadinha parece uma Princeza...

A aleijadinha está com fome
E não tem que comer...
E para esquecer a fome
Põe-se a contar as estrellas...

FILHA DE REI GUARDANDO PATOS

Ao Conde de Arnoso

FILHA DE REI GUARDANDO PATOS

> La force de l'intelligence et de la sensibilité appartient à ceux-là seuls qui vivent dans un contact sincère avec leur moi.
>
> MAURICE BARRÈS

— Manhã d'oiro. Uma Donzella, sobrenaturalmente linda, o luar dos seus pés sobre a relva humida, vae, pela margem d'uma ribeira, conduzindo um rancho de patos. Paisagem solitaria. Os patos deitam-se á agua, que o sol enche de gemmas; a Donzella fica a despir-se, sob uma tangerineira carregada de fructos.

— LINDA sou como as harpas e os navios!

Pelas manhãs serenas,
Nos voluptuosos, languidos estios,
Quando o ar parece de velludo e pennas,
Saio da minha gruta hospitaleira
E, despindo-me ao pé desta ribeira,

Que flue n'um curso vagaroso e liso,
Sempre cantante, sempre plangente,
Fico a admirar-me, nua, na corrente,
Namorada de mim como Narciso...

Ai, meus olhos azues! como eu sou linda,
E como sois felizes pois me vêdes,
Vós que vos balouçaes, com graça infinda,
Das minhas veias nas ceruleas redes!
Olhos felizes, olhos sem eguaes,
Lindos beryllos para o meu cabello,
Quando o meu alvo seio contemplaes,
Sois dois meninos a brincar no gelo...

Como eu sou linda! eu, a côr de lua,
Eu que nas varzeas vou guardando patos,
Eu o encanto dos limpidos regatos
Que correm legoas só para me verem nua!
Filha de Inferno, p'la belleza desmedida,
E, p'la pureza ideal, filha do Céo,
Que alguem se dispa quando eu estou despida,
Que alguem se atreva a ser mais linda que eu!

—Desaperta o corpete: apparece a alvorada do seu peito.

Meus seios redondinhos, perfumados,
Trago-os ao peito como dois filhos amados,
Como dois gemeos vestidinhos de luar...
E a dor da minha bôca é não poder beijar
A framboeza que cada um tem no meio...
Que sobremeza para um Deus, este meu seio!

— Completamente nua, avança para a ribeira, onde se mira.

Agua, vaes possuir-me!
Que alguem se affoite
A ser mais linda que eu! Tão pallida, tão fria
Aqui me tens, que, apezar de ser doirado o dia,
Parece que me bate o luar da meia noite...
Agua purissima, agua castissima, que trazes
O aroma das magnolias e lilazes
Que tu molhaste quando vinhas ver-me,
Beija-me a doce, languida epiderme,
Beija-me toda, toda! as ancas e os artelhos,
Os meus hombros de lirio e os meus labios vermelhos...
Aguas virgens, beijae a minha virgindade!

— Entra na ribeira. Trémula, a agua sobe-lhe aos peitos.

Ah! que doçura! que frescura! que suavidade!
Agua, agua de prata, ah! não me abraces tanto,
Não me apertes tão forte,
Não me beijes assim, agua, meu doce encanto...
Dentro de ti como seria doce a morte!
Agua, és de gelo e no entretanto accendes
Brasas ardentes nas minhas veias;
Dir-se-ia que tens mãos e que n'ellas me prendes,
E braços de crystal e que n'elles me enleias...

Ah! mas tu tens razão,
Agua de prata que me enervas:
As aguas tambem teem coração
E eu tenho ouvido o teu soluçando entre as hervas...

Agua cantante, como tu és mysteriosa!
E's sempre outra e sempre a mesma, agua cantante,
Mal me beijas, já vaes distante,
Agua cantante, mysteriosa!

Agua de seda, agua chorosa,
Onde me vejo,
Quando me banho em ti, sou qual bôca amorosa,
Que em labios deseguaes aspira o mesmo beijo.

Amada agua, côr das minhas esperanças,
E's como o meu desejo:
Corres p'ra me alcançar e foges se me alcanças...

Mas como és fria para mim, serpe de endeixas,
Verde canal de luminosas pratas...
Porque me deixas? porque me deixas?
Porque não páras tu, gelando, e me não matas?

— Insectos couraçados d'oiro e pedrarias poisam nos seus cabellos, como joias. A Donzella acaricia-se e embrulha-se com o velludo liquido da agua. Os seus pés alvejam como seixos. Subito, n'um gracioso movimento de naiade, salta para a margem, sacudindo os cabellos d'oiro que lançam no ar uma poeira de prata.

Olhando a agua:

E corres sempre...
Vae! é esse o teu destino,
Vae para o mar, soltando os teus adagios,
Tu que és hoje mais docil que um menino,
E que amanhã farás afflicções e naufragios.

Caminha, pois é escripto que me deixes,
Tu que hoje beijas meus seios redondos,
E amanhã rolarás cadaveres hediondos,
Roidos pelos peixes...
Vae! Celebrando esta garganta de jasmins,
Embala o somno das ondinas glaciaes,
Que se enfeitam com busios e coraes
Reclinadas no dorso dos delphins...

— Vendo-se cheia de perolas d'agua.

Correndo para o mar, toda chorosa, a agua
Enfeitou-me com lagrimas; fieis,
Assim os noivos moribundos dão anneis
A's noivas liriaes, brancas de magoa...

— Embrulha-se n'um lençol.

Pobre agua! Ella lá vae n'um rythmo amargurado,
Com seus prantos molhando os troncos e as raizes;
Percorrerá leguas, regará paizes,
Sempre co'a tristeza de me ter deixado...
Pobre agua crystallina!
Beijou-me e partiu como um condemnado
Que beijasse a noiva ao pé da guilhotina...
Longe de mim, nas noites silenciosas,
Não podendo voltar para traz, sem poder
Tornar a ver meu corpo, ás nuvens gloriosas
Subirá, e cairá, em orvalho, nas rosas,
P'ra me tornar a ver...
Aguas verdes, da côr do alecrim do norte,
Que grande chuva, que triste chuva deve haver
No dia da minha morte!

— Desembrulha-se e mira-se.

Como eu sou linda!
Fina como uma flor, flexivel como um vime!
Como eu sou linda! como eu sou linda!

— Enxugando as mãos:

Pallidas aias, minhas mãos, vesti-me!

— Os patos saem da ribeira, coçando-se com os bicos.

Lá vem aquelles de quem sou amiga,
Amiga, senhora e escrava;
Quando os conduzo, canto esta cantiga,
Que a minha ama antigamente me cantava:
Pato aqui,
Pato ali,
Filha de rei, guardando patos,
Foi coisa que nunca vi...

— Os patos acocoram-se a uma sombra. A Donzella começa a vestir-se.

Eu sou filha d'um Rei, nasci entre grandezas,
Comi em pratos d'oiro;
Lyncurios, prazios, jades e torquezas
Incendiaram meu cabello loiro;
Finas lhamas, velludos lisongeiros
Vestiram meu corpo em flor;

Tive açafatas, damas d'honor,
Galgos, falcões e alabardeiros;
Quando eu passava, linda como as fadas,
Eu, a amargura dos jasmins,
Lançavam flor's pelas escadas
E pó de prata nos jardins;
E a meus pés magros, afilados,
Brilhavam fulvos sitiaes,
Onde ajoelhavam, deslumbrados,
Principes, Duques, Cardeaes...
E eu sempre triste n'esse luxo! e eu só contente
Quando, distante d'essa opulencia real,
Nua como o luar, me banhava indolente
Do meu espelho no frigido crystal!
E eu exilada do meu deleite,
Achando tudo vil, pobre, sem arrebol!
Não póde ver a luz do azeite
Quem se acostuma a ver o sol...
E eu sempre triste, sempre triste... Até que um dia,
Cingida de alegria,
Deixei riqueza, sumptuosidade,
Só p'lo prazer
De me ver,
De me adorar á vontade...
Deixei grandezas,
Leito de prata e pratos d'oiro,
Deixei lyncurios e torquezas
Que incendiavam meu cabello loiro,
E vim viver ao pé d'este regato
Onde passo, vestida de ventura,
A contemplar-me, conservando intacto
O mysterio da minha formosura,

Onde guardo patos de quem sou amiga,
Amiga, senhora e escrava,
Cantando esta cantiga
Que a minha ama antigamente me cantava:
Pato aqui,
Pato ali,
Filha de rei, guardando patos,
Foi coisa que nunca vi...

— Deita-se na relva, fazendo travesseiro do seu braço.

Se meu Pae, de joelhos,
Buscar-me agora viesse,
Desprezaria rogos e conselhos...
Viverei só: ninguem no mundo me merece...

— Adormece.

INDICE

INDICE

	Pag.
Engrinalda-me com teus braços!	5
Enxuga os olhos, corôa-me de beijos!	11
Mãos	15
Cantiga	19
Quo non ascendam?	23
Canção	29
Ecloga	33
Baile de Mascaras	39
Semper Eadem	43
As Fiandeiras	51
Superbia	55
Nocturno	61
Asylo	67
Judith, Dulce, Lavinia e outras	73
Rimance	77
Circe	83
De Toledo para o Mar...	87
Os Tysicos	93
A Aleijadinha	99
Filha de Rei guardando patos	105

LIBRARY
APR
26
1979
UNIVERSITY
OF TORONTO

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
C4S8
1911

Castro, Eugenio de
Silva

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 02 20 06 008 7